



### AS EVOCAÇÕES ESPÍRITAS

“Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou acudir ao nosso chamado, isto é, vir por evocação. (...)” (01)

Há quem julgue não ser conveniente evocar este ou aquele Espírito, porque nem sempre se terá a certeza se o Espírito comunicante é mesmo o que foi evocado. Quem vê as coisas assim pensa que os Espíritos devam se comunicar espontaneamente, pois agindo dessa forma melhor provam sua identidade. A este respeito, ouçamos o Codificador: “(...) Em nossa opinião, isso é um erro: primeiramente, porque há sempre em torno de nós Espíritos, as mais das vezes de condição inferior, que outra coisa não querem senão comunicar-se; em segundo lugar e mesmo por esta última razão, não chamar a nenhum em particular é abrir a porta a todos os que queiram entrar. (...)” (02)

Esta questão das evocações espíritas deve ser analisada com critério e com bom senso: há vantagens e desvantagens nas comunicações provenientes de evocações espíritas e nas ocorridas espontaneamente.

“(...) As comunicações espontâneas inconveniente nenhum apresentam, quando se está senhor dos Espíritos e certo de não deixar que os maus tomem a dianteira. (...)” (02) Notamos tais comunicações nas reuniões mediúnicas regulares, onde se faz atendimento a Espíritos sofredores.

“Quando se deseja comunicar com determinado Espírito, é de toda necessidade evocá-lo. (...)” (03)

“(...) Não há, para esse fim, nenhuma fórmula sacramental. Quem quer que pretenda indicar alguma pode ser tachado, sem receio, de impostor, visto que para os Espíritos a forma nada vale. Contudo, a evocação deve sempre ser feita em nome de Deus. (...)”

Quando queira chamar determinados Espíritos, é essencial que o médium comece por se dirigir somente aos que ele sabe serem bons e simpáticos e que podem ter motivo para acudir ao apelo, como parentes, ou amigos. (...)” (10)

“(...) Quando dizemos que se faça a evocação em nome de Deus, queremos que a nossa recomendação seja tomada a sério e não levemente. (...)” (04)

“Freqüentemente, as evocações oferecem mais dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos, sobretudo quando se trata de obter respostas precisas a questões circunstanciadas. (...)” (05)

“Os médiuns são geralmente muito mais procurados para as evocações de interesse particular, do que para comunicações de interesse geral (...). Julgamos dever fazer a este propósito algumas recomendações importantes aos médiuns. Primeiramente que não acedam a

esse desejo, senão com muita reserva, se se trata de pessoas de cuja sinceridade não estejam completamente seguros (...). Em segundo lugar, que a tais evocações não se prestem, sob fundamento algum, se perceberem um fim de simples curiosidade, ou de interesse, e não uma intenção séria da parte do evocador (...).

“(...) O médium em suma, deve evitar tudo o que possa transformá-lo em agente de consultas, o que, aos olhos de muitas pessoas, é sinônimo de ledor da buena dicha.” (06)

“Todos os Espíritos, qualquer que seja o grau em que se encontrem na escala espiritual, podem ser evocados: assim os bons, como os maus, tanto os que deixaram a vida de pouco, como os que viveram nas épocas mais remotas, os que foram homens ilustres, como os mais obscuros, os nossos parentes e amigos, como os que nos são indiferentes. Isto, porém, não quer dizer que eles sempre queiram ou possam responder nosso chamado. Independente da própria vontade, ou da permissão, que lhes pode ser recusada por uma potência superior, é possível se achem impedidos de o fazer, por motivos que nem sempre nos é dado conhecer. (...)” (07)

Determinadas coisas impedem ou dificultam aos Espíritos atenderem às evocações que lhes são dirigidas. As principais são: a) quando o Espírito evocado está envolvido em ou ocupações e delas não podendo afastar-se; b) se o Espírito estiver encarnado, sobretudo em mundos inferiores; (08) c) quando o Espírito se encontra em locais de punição e não recebe autorização superior para daí se ausentar; (09) d) quando o médium, por sua natureza ou aptidão, não consegue entrar em sintonia mediúnica com Espírito evocado. (08)

Se as evocações devam ser feitas ou não, é um fato, conforme afirmamos anteriormente, que precisa ser bem analisado, tendo-se sempre em mente a finalidade a se presta. E toda evocação assim como toda manifestação espontânea de um Espírito, devem visar a um fim útil. Para isso existem algumas condições: “(...) Quando um Espírito é evocado pela primeira vez, convém designá-lo com alguma precisão. Nas perguntas que se lhe façam, devem evitar-se as fórmulas secas e imperativas, que constituíram para ele um motivo de afastamento. As fórmulas devem ser afetuosas, ou respeitosas, conforme o Espírito, e, em todos os casos, cumpre que o evocador lhe dê prova da sua benevolência.” (03)

Nas evocações “(...) As perguntas devem ser formuladas com clareza, precisão e sem idéia preconcebida, em se querendo respostas categóricas. Cumpre, pois, se repilam todas as que tenham caráter insidioso, porquanto é sabido que os Espíritos não gostam das que têm por objetivo pô-los à prova (...). O evocador deve ferir franca e abertamente o ponto visado, sem subterfúgios e sem circunlóquios. Se receia explicar-se, melhor será que se abstenha. Convém igualmente que só com muita prudência se façam evocações, na ausência das pessoas que as pediram, sendo mesmo preferível que não sejam feitas nessas condições, visto que somente aquelas pessoas se acham aptas a analisar as respostas, a julgar da identidade, a provocar esclarecimentos, se for oportuno, e a formular questões incidentes, que as circunstâncias indiquem. (...)” (06)

\* \* \*

## FONTES DE CONSULTA

- 01 - KARDEC, Allan. Da evocações. In:\_. O Livro dos Médiuns. Trad. de Guillon Ribeiro. 61. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Item 269, pág. 347.
- 02 - Item 269, págs. 347-348.
- 03 - Item 270, pág. 349.
- 04 - Item 271, pág. 350.
- 05 - Item 272, pág. 350.
- 06 - Item 273, págs. 350-351.
- 07 - Item 273, págs. 351.
- 08 - Item 274, págs. 351-352.
- 09 - Item 282, pág. 358.
- 10 - Item 203, págs. 248-249.